

A watercolor illustration of a hand holding a plant. The hand is rendered in various colors like purple, green, and red. The plant has a large red flower and several green leaves. In the background, there are several birds in flight, some in shades of green and purple. The overall background is a warm, yellowish-orange color with scattered red and orange dots.

organizadoras

Larisa da Veiga Vieira Bandeira

Luciane Bresciani Lopes

Adriana da Silva Thoma

cartas e escritas
de amizade
e docência

 peripécia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A243

Adriana da Silva Thoma: cartas e escritas de amizade e docência / Organizadoras Larisa da Veiga Vieira Bandeira, Luciane Bresciani Lopes. – São Paulo: Peripécia, 2022.

Livro em PDF

ISBN 978-65-88192-17-7

1. Memória - Educação. 2. Língua brasileira de sinais. 3. Amor.
4. Amizade. I. Bandeira, Larisa da Veiga Vieira (Organizadora).
II. Lopes, Luciane Bresciani (Organizadora). III. Título.

CDD:
370.1522

Índice para catálogo sistemático:

I. Memória - Educação

Janaina Ramos – Bibliotecária – CRB-8/9166

ISBN da versão impressa (brochura): 978-65-88192-16-0

“Mãe acadêmica!”

Bianca Ribeiro Pontin

Demorei muito para aceitar a partida da Adri. Ficava brava quando pediam um minuto de silêncio para elevar os pensamentos a ela, passei vários meses sem dizer o seu nome. Podem achar que fui imatura ao não fazer cerimônias, mas o que não sabem é que... no final, vocês entenderão, ou assim espero.

No ano de 2009, seguro-desemprego no fim, chego à Faculdade de Educação – UFRGS pela indicação do Cacau e Carol para trabalhar na área de Libras. Como eu não era formada e nem tinha experiência docente, acabei atuando como bolsista responsável pelas atividades administrativas da segunda turma do curso de Letras/ Libras, da UFSC, da qual a UFRGS era polo.

Conheci Lodenir Karnopp e Adriana Thoma, elas ficavam nas salas pequenas do nono andar do prédio azul. Um dia eu trabalhava na sala da Lodenir, no outro dia na sala da Thoma, dependendo do dia, do movimento e, principalmente, da disponibilidade de computadores, pois os dividia com os demais colegas: alunos, bolsistas, entre outros. Com o tempo, a área foi crescendo, junto com a expansão do trabalho que a Adri coordenava no Incluir. Passamos a ter uma salinha para o Letras/Libras (que saudades!) e outra para TILS, Tradutores e Intérpretes de Libras/LP.

CREIO QUE A AMIZADE COMEÇOU ASSIM, NUMA APRESENTAÇÃO PROBLEMATIZADORA...

Thoma ou Adri (tem horas que chamo Thoma e, noutros momentos, de Adri) me perguntou, com um tom problematizador: “Bianca, você é surda ou deficiente auditiva?”. Percebi na hora que, se eu não tivesse estudado, minha resposta seria outra. Respondi: “Depende! Pra você, sou surda! Mas, para os médicos e/ou questões burocráticas, aí sou deficiente auditiva. Quando a pessoa não entende o que é ser surda, aproveito para explicar que o aparelho auditivo não me torna ouvinte, porque uso olhos para ler os lábios juntos etc. De modo geral, sou surda e, pra quem não entende, dizer deficiente auditiva ajuda”. Ela ficou maravilhada, nós rimos e nos identificamos, pois temos respostas diferentes e entendemos sobre como podemos ter cuidado com as nossas (su)posições, perspectivas etc. Em outros dias ela me perguntava qualquer coisa, inclusive sobre minhas questões particulares, e ali nasceu uma amizade, uma amiga que parecia mãe.

CONFIANÇA

Passava vários papéis para ela assinar e ela o fazia sem ler direito. Percebi que confiava em mim, o que era um bom sinal,

mas me preocupava que ela pudesse ser ingênua demais, quando então eu disse: “Um dia vou fazer procuração para você passar tudo para mim”. Cada vez que ela tinha que assinar algum documento, abria um sorriso, lembrando do que eu havia falado.

ESTUDAR PARA BANCAR ESSAS COISAS...

Ana convidou vários de nós, colegas do mestrado, para fazermos alguma coisa antes do casamento dela. Acho que fui eu que propus procurar o *Wanda*, um bar no qual as mulheres se reuniam para ver dançarinos. Fomos e nos instalamos. Um homem, elegante e educado, ficou entre nós para conversar. Eu fiquei feliz, porque entendia o que ele falava e conseguia me comunicar, ficamos batendo papo sobre a vida, os estudos, as culturas etc. No fim do papo, soube que ele trabalha(va) como garoto de programa. De curiosidade, perguntei o valor e tal. Enfim, Thoma, generosa, chamou-me para conversar em particular e disse para eu ficar com tal rapaz. E eu: “Não vai dar! Ele vai cobrar, e o valor é a metade da minha bolsa, só por 1h, não vale a pena”. E ela: “Então tu te mexe, vai fazer mestrado, doutorado e ser professora para poder pagar essas coisas”. Eu simplesmente amei, pois isso é ser tão aquariana!

A CASA E O CORAÇÃO DELA

Eu morava em Esteio e algumas vezes deixava de ir a eventos ou saía mais cedo por causa do horário dos transportes, como trem e ônibus. Thoma abria-me a porta da casa dela para dormir lá quando eu quisesse. Não sei quantas vezes dormi na cama do Ramiro ou da Marina, filho e filha dela. O Basso, marido, sempre me fazia rir. Eu me sentia bem acolhida. Descobri que ela fazia escova para alisar os cabelos e pensava: “Meu Deus, como consegue ser vaidosa!”.

Aquela casa também foi espaço de produção de trabalhos, como orientação, escrita de artigos, preparação de aulas etc. Rolava jantar, chimarrão, troca de livros e até demonstração de roupas.

Também foi espaço de celebrações, salão de festas para comemorações de aniversário, festa de final de ano, confraternização após o vestibular da UFRGS, enfim. Parei de dormir lá quando me mudei para a Capital, e ela dizia: “Aah, é! Não quer mais dormir na minha casa”. Era saudade de mim.

AGENDA CHEIA DE COMPROMISSOS E AFETOS

Thoma me dizia que tudo tem o tempo certo para acontecer, que tem coisas que levam mais tempo, mas, de forma impressionante, ela arrumava tempo para realizar coisas importantes. A parte engraçada é que ela sempre abria a agenda enorme e olhava onde era possível encaixar qualquer novo compromisso. Fazíamos viagens a trabalho, eu e ela, outras vezes em grupos. Fomos para Santa Cruz do Sul, Argentina, Florianópolis, Uberlândia etc. Mas a cidade de Santa Cruz do Sul era muito especial para ela. Confidenciou-me, aliás, que queria morar lá quando finalmente se aposentasse. Mas, antes, desejava ainda realizar o pós-doutorado na Itália e esperava que eu fosse junto.

Nessas idas e vindas, era fantástico socializar trabalhos, fazer (re)leituras, produzir novas problematizações que poderiam vir a fazer parte de novos projetos de extensão e pesquisa. Thoma, mulher que respirava Educação. Sabia aproveitar os pequenos momentos livres também para visitar lojas para comprar mimos. Adorava muito quando ela me deixava escolher os pratos nos restaurantes. E, o mais importante, ela era muito presente nas lutas pela inclusão e pela educação de surdos, tanto nos diferentes espaços quanto nos textos e em aulas.

ORIENTAÇÃO – DOS ESTUDOS PARA A VIDA

Fui por ela orientada na especialização, no mestrado e doutorado. Sob sua orientação, aprendi que é bom:

- Reconhecer a potencialidade de cada um e trazer tal virtude para mais perto de nossas ações cotidianas;
- Ter cuidado com a paixão intensa, para não ficar presa e cega a uma única e/ou determinada perspectiva (teórica), mas que também é bom ter paixão para escrever e reler um pouquinho a cada dia, revisando e aprimorando os conhecimentos a compartilhar;
- Não ter vergonha de demonstrar a própria criatividade.

E O CUIDADO DE SI?



Adriana, fã de Foucault

Fonte: acervo da autora, 2017.

Essa foto representa tanto o gosto dela por confraternizações quanto a lembrança de Foucault. Em quase todos os seus trabalhos havia teorização e inspiração foucaultiana, até da última fase do autor: “o cuidado de si”.

Nas últimas orientações, recebia-me em casa, de roupão, cabelo natural, cansada, com dor. Eu a lembrava, várias vezes, de fazer pelo menos um check-up, mas a agenda dela estava sempre cheia. Este tipo de cuidado, com a saúde pessoal, foi várias vezes adiado em favor do coletivo, da inclusão, da comunidade surda, do bem-estar socioeducacional, da formação, da transformação da sociedade. Agora sim, um dos motivos de meu silêncio é que, quando fiz questão de apresentar um trabalho num Congresso, para ela poder se cuidar, e aquela mulher resolveu ir conosco, pela primeira vez eu fiquei estressada com ela, numa resposta involuntária, foi meu grito de socorro.

Ela me olhou diferente, não sei se chateada ou assustada, mas finalmente foi ao médico, e jamais eu poderia imaginar que apenas a reencontraria no leito de um hospital.

Ao visitá-la, deu-me um abraço afetuoso e sorriu ao dizer: “Ah, tu, Bianca!”. No último dia, ela conseguiu me dar tchau.

#ADRIANAPRESENTE

Ela estará sempre presente em meu coração e as lembranças dela estão espalhadas pela minha casa, em forma de bruxinha, ímãs de geladeira, cartões, a lata de Coca-Cola, na qual está escrito “Quanto mais Bianca, melhor”. Tudo isso me faz lembrar de que, tanto quanto alguém pode desejar, fui e sou amada.

Saudades...